

COMUNICAÇÃO DECOLONIAL: ENCONTRO DE SABERES PARA A CONQUISTA DE DIREITOS

COMUNICACIÓN DECOLONIAL: ENCUENTRO DE SABERES PARA CONQUISTA DE DERECHOS

Aia Oro Iara¹
Cássia Oliveira²

RESUMO

Propomos, neste artigo, algumas reflexões que giram em torno de um pensamento comunicacional que se pautem pelo enredo das práticas e epistemologias decoloniais. Essas práticas e epistemologias se expressam não somente nas abordagens teóricas que consolidam este campo, mas também nos processos e dinâmicas de produção do conhecimento a partir da interculturalidade crítica em espaços formais e informais de ensino. Observamos as experiências pedagógicas de formação de professoras/es do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), tendo como ferramentas teóricas as discussões dentro dos campos da Comunicação, decolonialidade, Cultura Visual e Arte/Educação. Buscamos destacar na produção de conhecimento das experiências pedagógicas de estudantes da LEdoC/UFNT, o encontro de saberes que pode ser gerado a partir de relações interculturais críticas. De que maneira a Comunicação, a Cultura Visual e a Arte/Educação podem atuar em favor da conquista de direitos de povos e comunidades tradicionais? Da mesma forma, de que modo os povos e comunidades tradicionais podem colaborar para a construção de novas epistemologias na Comunicação, na Cultura Visual e na Arte/Educação? Do ponto de vista metodológico, o artigo se caracteriza como um estudo teórico-conceitual que investiga conceitos que se encontram nos campos envolvidos, em diálogo com a prática da Pedagogia da Alternância, na formação de estudantes da

- 1 Doutora em Arte e Cultura Visual, no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás (PPGACV/FAV/UFG). Professora do curso de Licenciatura em Educação do Campo, com Habilitação em Artes e Música, da Universidade Federal do Norte do Tocantins (LEdoC/UFNT). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4278-6876>. E-mail: aiaorojara@uft.edu.br
- 2 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), da Universidade Federal de Goiás. Bibliotecária e Mestra em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6859-9692>. E-mail: cassiaoiveira@discente.ufg.br

LEdoC/UFNT e suas relações com os saberes de suas comunidades e pedagogias culturais. Constatamos que as experiências pedagógicas analisadas reconhecem, valorizam e ampliam as dinâmicas e fluxos de produção de conhecimento das comunidades envolvidas.

Palavras-chave: Comunicação Decolonial; Cultura Visual; Epistemologias Decoloniais; Interculturalidade Crítica.

RESUMEN

Nos proponemos construir, con este artículo, algunas reflexiones que giran en torno a un pensamiento comunicacional que se guía por la trama de las prácticas y epistemologías decoloniales. Estas prácticas y epistemologías se expresan no En este artículo proponemos algunas reflexiones que giran en torno a un pensamiento comunicacional que se guía por la trama de las prácticas y epistemologías decoloniales. Estas prácticas y epistemologías se expresan no solo en los planteamientos teóricos que consolidan este campo, sino también en los procesos y dinámicas de producción de conocimiento a partir de la interculturalidad crítica en los espacios de enseñanza formales e informales. Observamos las experiencias pedagógicas de formación de docentes de la carrera de Licenciatura en Educación Rural (LEdoC), de la Universidad Federal del Norte de Tocantins (UFNT), teniendo como herramientas teóricas discusiones en los campos de Comunicación, decolonialidad, Cultura Visual y Arte/Educación. Buscamos resaltar, en la producción de saberes a partir de las experiencias pedagógicas de los estudiantes LEdoC/UFNT, el encuentro de saberes que pueden generarse a partir de las relaciones interculturales críticas. ¿Cómo pueden actuar la Comunicación, la Cultura Visual y el Arte/Educación a favor de la conquista de los derechos de los pueblos y comunidades tradicionales? Asimismo, ¿cómo pueden colaborar los pueblos y comunidades tradicionales para construir nuevas epistemologías en Comunicación, Cultura Visual y Arte/Educación? Desde el punto de vista metodológico, el artículo se caracteriza como un estudio teórico-conceptual que investiga conceptos que se encuentran en los campos involucrados, en diálogo con la práctica de la Pedagogía de la Alternancia, en la formación de los estudiantes de la LEdoC/UFNT y sus relaciones con conocimientos sus comunidades y pedagogías culturales. Encontramos que las experiencias pedagógicas analizadas reconocen, valoran y amplían las dinámicas y flujos de producción de conocimiento de las comunidades involucradas.

Palabras llave: Comunicación Decolonial; Cultura Visual; Epistemologías decoloniales; Interculturalidad Crítica.

INTRODUÇÃO

Propomos, neste artigo, uma investigação que busca dialogar com elementos conceituais das áreas da Comunicação, dos Estudos Decoloniais, da Cultura Visual e da Arte/Educação para observar uma experiência pedagógica realizada em um contexto formal de ensino, a saber, no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Este curso, com habilitação em Artes, prevê a formação superior de professoras e professores das populações camponesas da região conhecida como Bico do Papagaio, no norte de Tocantins.

Os acontecimentos que envolvem a prática observada neste ambiente, indicam aspectos de uma atuação pedagógica que busca priorizar o conhecimento produzido pelos estudantes e suas comunidades de pertença, destacando o encontro de saberes que pode ser gerado a partir de relações interculturais críticas no interior da Universidade. A partir de uma perspectiva da Comunicação, buscamos apontar reflexões que articulem a produção de conhecimento das/os estudantes da LEdoC/UFNT e as discussões que envolvem a interculturalidade crítica e a decolonialidade como estratégias e iniciativas que possam rearticular e transformar as relações de saber, de ser e de poder.

Trata-se de pensar na produção de conhecimento promovida por integrantes de grupos localizados à margem da lógica eurocentrada de produção de conhecimento. E, ao mesmo tempo, observar de que modo esta produção pode ganhar visibilidade a partir de experiências comunicacionais voltadas para a ampliação e valorização dos saberes locais promovidos pelas comunidades, numa evidente ação política de reconhecimento público daquilo que é produzido por estudantes do LEdoC.

Portanto, um dos objetivos do artigo é refletir sobre as maneiras que diferentes

áreas do conhecimento acadêmico - como a Comunicação, a Cultura Visual, a Arte/Educação, - podem colaborar para a conquista de direitos de povos e comunidades tradicionais, bem como, outros segmentos historicamente negligenciados. E também refletir sobre as formas de produção do conhecimento que emergem a partir do encontro intercultural crítico, de áreas do conhecimento de tradições acadêmicas e orais, na produção de novas epistemologias. Estes encontros trazem para o centro do debate as contra-narrativas e contravisualidades que marcam o cotidiano dessas pessoas. O que podemos, enquanto pesquisadoras da Comunicação, da Cultura Visual e da Arte/Educação, aprender com esta experiência?

Direcionamos o nosso olhar para esta prática percorrendo um caminho teórico que contempla as discussões em torno dos estudos decoloniais, dos complexos de visibilidade no campo da Cultura Visual, da Arte/Educação onde o reconhecimento e a valorização da produção artística não hegemônica se destacam, e da experiência de uma pedagogia decolonial a partir da interculturalidade crítica. De que modo podemos articular essa série de ferramentas teóricas com o propósito de pensar na conquista de direitos de povos e comunidades tradicionais? De que maneira a Comunicação, a Cultura Visual e a Arte/Educação podem atuar em favor da conquista desses direitos? Ademais, de que modo os povos e comunidades tradicionais podem colaborar para a construção de novas epistemologias nestas áreas?

Neste sentido, abordamos os conceitos e ferramentas teóricas supracitados percorrendo o seguinte caminho: na primeira seção apresentamos um itinerário que situa a comunicação como um potente campo de articulação e visibilidade dos saberes marginalizados por meio das categorias do pensamento decolonial e da Comunicação como diálogo, em Paulo Freire; em seguida destacamos alguns detalhes do perfil da LedoC (UFNT) e de seu grupo de estudantes, bem como das estratégias pedagógicas para o processo de construção coletiva do conhecimento

na disciplina Laboratório de Artes Visuais II, oferecida pela professora Aia Oro Iara. A penúltima seção apresenta os acontecimentos pedagógicos e uma parte da produção realizada. Por fim, traçamos algumas considerações sobre a conquista de direitos por meio da interlocução e do encontro de saberes localizados neste ambiente de conhecimento e memória. Tecemos a seguir, as nossas referências em diálogo com as áreas e conceitos.

ITINERÁRIOS: O PENSAMENTO COMUNICACIONAL A PARTIR DE ESTUDOS DECOLONIAIS

A Comunicação é um campo de estudos fundamentado, em grande medida, a partir de epistemologias euro-estadonidense que reproduzem aspectos teóricos incompatíveis com as realidades e os imaginários da América Latina. Ela surge como disciplina e campo teórico partindo especialmente das experiências práticas e profissionais que envolvem sua área e que tiveram grande impulso a partir do século XX, notadamente nos anos de 1930 a 1940, nos Estados Unidos.

Partimos do entendimento de que a fundamentação teórica e as discussões epistemológicas que compreendem o campo da comunicação são diversas e geram um intenso debate pelas divergências que apresentam. Isto se dá, principalmente, porque a comunicação transversa outras áreas do conhecimento sendo por vezes confundida como um campo de aplicação de teorias procedentes das diversas ciências sociais (BERGER, 2001). Trata-se de um campo cujo desenvolvimento teórico recebe contribuições que priorizam diferentes abordagens³ e perspectivas comunicacionais, constituindo por isso uma profusão de tentativas teóricas que,

3 A Escola Estadounidense e as teorias da Corrente Funcionalista, Modelo de Laswell, Teoria dos Efeitos etc; A Escola Canadense marcada pelos estudos de McLuhan (o meio é a mensagem); a Escola Francesa e a Teoria Culturoológica; a Escola Alemã e a Teoria Crítica; a Escola Inglesa e os Estudos Culturais, dentre outras correntes teóricas.

embora sejam muitas, não são suficientemente definidoras da área.

As bases paradigmáticas sob as quais se desenvolveram os estudos de Comunicação estão situadas no campo das Ciências Sociais do mundo ocidental, ou seja, sua construção epistêmica deriva de matrizes teóricas sociológicas herdadas especialmente da França, Grã-Bretanha, Alemanha, Itália e Estados Unidos (VILLANUEVA, 2018). De um modo geral, este processo de produção de conhecimento e reconhecimento científico da área, pautado pela ordem euro-estadounidense, plantou a equivocada ideia de universalismo teórico e, conseqüente, a “secundarização, invisibilização e silenciamento de outras formas de conhecimento” (DIAS, 2020, p. 49) dentro da área.

Isto quer dizer que, compreender a Comunicação e sua episteme somente a partir do olhar europeu ou norte americano, descarta uma série de teorias, conceitos e noções que vêm apostando numa elaboração que considera as marcas históricas, geográficas, políticas, culturais, dentre outras, das populações e narrativas excluídas pelo pensamento hegemônico. É neste sentido que o campo de estudos decoloniais nos oferece importantes categorias capazes de nos auxiliar para um movimento de ruptura com o pensamento eurocêntrico e estado-unidense colonial/moderno que exclui, margina e torna invisível territórios, povos e suas histórias.

O pensamento decolonial como resposta

A opção decolonial é a resposta dada à estrutura colonial de poder presente nos diferentes espaços da vida contemporânea e que pode contribuir com o campo comunicacional ampliando suas práticas e epistemes. Embora tenhamos, ao menos do ponto de vista da historiografia, superado o colonialismo, suas estratégias, marcas e dispositivos de controle seguem presentes com renovada aparência e reiterada justificativa: civilizar para classificar o que é válido, útil e legítimo. Isto

ocorre em vários níveis. Segundo Quijano (2000), a colonialidade se estabelece por meio dessa classificação e a partir de marcadores de raça, gênero e trabalho. A partir desses modelos estabelecidos, "ela opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas da existência social cotidiana e da escala social" (QUIJANO, 2000, p. 342).

A colonialidade do saber expressa o controle em relação ao modo como o conhecimento é produzido e divulgado, devendo obedecer os métodos e paradigmas consolidados e legitimados pelo poder colonial. Ela deriva da colonialidade do poder que, segundo Quijano (1992, 2000), representa uma relação mútua de "controle econômico, hierarquização racial e consolidação do paradigma europeu" (DIAS, 2020). Segundo Mignolo (2021, p. 25),

houve uma época em que os estudiosos supunham que o sujeito conhecedor de um assunto é etéreo, separado do assunto que conhece e intocado pela configuração geopolítica de um mundo em que as pessoas são racialmente classificadas e as regiões, racialmente configuradas.

Esta conjuntura epistêmica reforça a falácia do conhecimento universal, que por sua vez legitima a exclusão de povos e territórios considerados subdesenvolvidos diante dos padrões estabelecidos. A descolonização do pensamento é a resposta que podemos dar aos padrões de poder estabelecidos. Descolonizar significa pôr fim a este regime colonial que repercute, como já foi dito, em vários níveis: econômico, político, social, epistêmico etc.

Para Quijano, isto significa "descolonizar o saber e as práticas políticas – estruturação das autoridades, do Estado e da economia". Trata-se de reconfigurar os espaços de produção de conhecimento, permitindo um contraponto e uma resposta à colonialidade do saber por meio do agenciamento e reconhecimento dos saberes e

das particularidades das comunidades, povos e territórios excluídos. A descolonização do saber pretende revolucionar os princípios que fundamentam a produção de conhecimento, não com o intuito de promover uma nova verdade para o mundo, mas de ser um

[...] camino diverso y disperso, que emerge en todo el globo [...] de descolonizar toda pretensión teórica de totalidad [...] pensaren la diversidad global de proyectos descoloniales que tienen en común ser descoloniales pero que, a la vez, mantienen la singularidad de los lugares, las personas, las lenguas, las subjetividades, las emociones y los horizontes descoloniales de vida: esto es, del bienestar para todos, la cooperación y la convivialidad en lugar del bienestar para pocos, la competencia y las relaciones públicas (MIGNOLO, 2014, p. 15-16).

Estamos falando do reconhecimento da vida numa perspectiva que contempla a pluriversalidade dos saberes, envolvendo a experiência coletiva e a organização política que emerge dos movimentos populares em busca da reinvenção do mundo para a garantia de direitos, de dignidade e do bem viver. Esta lógica de produção de conhecimento representa uma revolução na forma de se pensar porque passa a considerar os diferentes contextos em que a vida acontece, ao contrário da monocultura do pensamento, que reproduz esquemas teóricos tendo como referência visões de mundo limitadas e parciais. Trata-se de pensar a partir de

uma perspectiva crítica da interculturalidade, que se encontra enlaçada com uma pedagogia e práxis orientadas ao questionamento, transformação, intervenção, ação e criação de condições radicalmente distintas de sociedade, humanidade, conhecimento e vida; isto é, projetos de interculturalidade, pedagogia e práxis que assumem a perspectiva da decolonialidade (WALSH, 2009, p. 13).

Este é um esforço continental, um trabalho que começa com a construção de um pensamento crítico latino-americano no campo das Ciências Sociais, iniciado

especialmente com pensadores e pensadoras da América Latina⁴, e que se desenrola também em espaços de formação por meio de práticas pedagógicas que priorizam a construção do conhecimento a partir dos seus próprios saberes e experiências. Ademais, o campo da comunicação tem muito a contribuir com a perspectiva decolonial, dada a sua natureza e atuação. Neste sentido, propomos algumas reflexões a respeito do campo comunicacional tendo como referência o educador e teórico Paulo Freire, uma vez que é possível identificar em sua trajetória a constituição de um pensamento comunicacional e decolonial.

Caminhos possíveis para uma experiência decolonial na comunicação

As contribuições do educador Paulo Freire (1921 - 1997) para o pensamento comunicacional na perspectiva dos estudos decoloniais são significativas porque o autor pensava o processo educativo a partir de contextos sociais amplos, excluindo a lógica das cartilhas e manuais padronizados. O diálogo e a conscientização são elementos centrais da sua atuação enquanto educador. Para Freire a educação é uma experiência de conhecimento que nos leva à libertação das muitas opressões que vivemos socialmente. A Educação é também Comunicação. Isto significa dizer que “Educação é Comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1980, p. 69).

A Comunicação exige uma reciprocidade dialógica que, fundamentada na troca ativa entre as pessoas a partir de seus recursos linguísticos, pode subverter o processo tradicional de formação que em geral se organiza a partir daquilo que

4 O Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) foi um dos principais movimentos epistemológicos que buscou a renovação crítica no campo das Ciências Sociais na América Latina por meio da noção de “giro decolonial”, com o objetivo de superar a colonialidade do poder, do ser e do saber.

Freire chamou de “educação bancária”⁵, ou seja, a educação da cartilha que ignora todo o repertório que trazem consigo as pessoas que se colocam na posição de estudantes e aprendizes.

Vale destacar que, como moradoras/es do mundo e criaturas que se relacionam, transformamos nossos espaços com uma força criativa que constitui assim “o mundo da cultura que se prolonga no mundo da história” FREIRE, 1980, p. 65). De acordo com Freire, este “mundo social e humano, não existiria como tal se não fosse um mundo de comunicabilidade fora do qual é impossível dar-se o conhecimento humano” (1980, p.65). Segundo o autor, o mundo social e o conhecimento humano só são possíveis a partir da experiência da comunicabilidade entre os indivíduos e isto é o que os torna pertencentes ao mundo e sujeitos de suas próprias histórias.

O autor elabora o seu pensamento comunicacional tendo como base o diálogo e levando em consideração as diferentes realidades e repertórios existentes. Portanto, a Comunicação é definida pela experiência da ação transformadora resultante do processo de questionamento, de uma pedagogia orientada pela prática do diálogo, valorizando os contextos e criando condições de produção de conhecimento diferentes da monocultura dos saberes.

Em “Extensão ou Comunicação” (1980), Freire descreve e problematiza uma experiência supostamente de formação, no contexto da reforma agrária do Chile em 1964, em que técnicos agrônomos atuam no campo com objetivo de realizar ações educativas e de auxiliar no processo de organização sindical camponesa. Para Freire, o método de trabalho da equipe técnica de agrônomos tratava com desrespeito e descuido o processo de formação ao ignorar os saberes e a visão de mundo daqueles/as camponeses/as. Segundo Haddad,

5 Educação bancária consiste na ideia de uma formação em que há uma pessoa detentora do saber que deposita no sujeito receptor o conhecimento a ser comunicado. A relação que se estabelece nesse processo é a de passividade e subordinação (FREIRE, 2020).

contrariado com o método de trabalho, Paulo dialogou com os colegas sobre o modo de conceber pesquisas dessa natureza e propôs uma alternativa: em vez de os agentes pesquisarem a realidade dos habitantes do campo, solicitarem aos camponeses para que os auxiliassem a levantar suas principais questões, e esses seriam os temas abordados nas aulas pelas equipes de formação. Dessa maneira, partindo do olhar dos camponeses sobre o próprio contexto, a população agrícola estaria aprendendo com o estímulo e a orientação da equipe técnica, assim como os funcionários (...) aprenderiam com a perspectiva camponesa (HADDAD, 2019, p. 86)

Não dialogar com a experiência dos/as camponeses/as, negar esta escuta, é uma forma de invisibilizar suas histórias, deslegitimar suas experiências, desumanizando estas pessoas. A palavra e o discurso são pontos de chegada no mundo, é por meio dessa ação de nos comunicarmos que garantimos nosso direito de enunciação e que revelamos modos de ser e de estar no mundo. Paulo Freire aposta na capacidade da comunicação como condição para a construção de formas de sociabilidades mais justas. Isto porque, para o autor,

linguagem é pensamento e constitui visão de mundo. Como as línguas são plurais, as visões de mundo e consciências de indivíduos e coletividades também o são. Como é na linguagem que se expressam as identidades, é também por meio dela que o projeto decolonial se articula (JOAQUIM; OLIVEIRA, 2021, p. 920).

Entendemos, portanto, que a Comunicação opera dentro dessa estrutura do diálogo, fazendo uso da linguagem e promovendo uma expansão mútua entre sujeitos que se comunicam, contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade que se pautar pela diversidade de experiências e repertórios. Com este aporte teórico, propomos observar no tópico a seguir, um acontecimento pedagógico realizado entre estudantes da LEdoC (UFNT) e os seus desdobramentos. Nosso objetivo é o de identificar de que modo acontecem os trânsitos entre os saberes

localizados nesta comunidade e a efetiva experiência de uma comunicação decolonial e de uma prática de produção de conhecimento pautada na diversidade dos saberes.

A experiência descrita a seguir envolve um ambiente de produção de conhecimento que privilegia os saberes trazidos por seus participantes e dialoga com noções teóricas dos campos da Arte/Educação e da Cultura Visual, os quais se interessam e compartilham das questões decoloniais por meio de suas ferramentas teóricas e práticas.

LEDOC: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA QUE PRIORIZA O ENCONTRO DE SABERES

O curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da UFNT, com habilitação em Artes e Música, é um curso que foi instituído a partir da luta dos povos camponeses para o acesso à educação formal, em especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), Movimentos Atingidos por Barragens (MAB), entre outros. Desta forma o LEdoC está vinculado às lutas de classe, pela reforma agrária e conquista de direitos sociais. Por ser direcionado aos povos que habitam as zonas rurais, e ao considerar a dinâmica de trabalho familiar, o curso é regido sob a Pedagogia da Alternância, o qual divide o calendário acadêmico e integra os conteúdos dos Tempos Universidade (T.U) e Tempos Comunidade (T.C).

Desta forma o curso de LEdoC quebra um paradigma ao tornar possível a presença dos saberes de tradição oral dentro das universidades, colaborando para a implementação do Projeto Encontro de Saberes como política institucional. O Projeto Encontro de Saberes, implementado nas Universidades Federais do Brasil, como projeto piloto na UNB, UFMG, UFJF, UECE e UFPA, se encontra no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior (INCTI), que é um grande

projeto dentro do Conselho Nacional de Tecnologia (CNPQ), e que implementa formas de atuação de mestres e mestras de tradição oral no ensino superior, juntamente com professoras/es acadêmicos (CARVALHO e ÁGUAS, 2015, p. 1022).

Além disso, o Projeto Encontro de Saberes, também se consolida com a entrada de estudantes negros, indígenas e quilombolas, dentro das universidades, as/os quais realizam suas pesquisas a partir de suas experiências e demandas políticas, configurando outras epistemologias, perguntas, problemas, metodologias, flexibilizando a estrutura burocrática e outras formas de organização dentro da universidade.

Na disciplina de Laboratório de Artes Visuais II, oferecida pela professora Aia Oro lara e local onde se desenrolaram as ações que descrevemos neste texto, foi sugerido para as/os estudantes, um roteiro de pesquisa, para ser realizado ao longo do Tempo Comunidade (T.C). A ementa da disciplina aborda a História das Artes Visuais; Principais técnicas e suportes de Artes Visuais; principais linguagens artísticas do âmbito das Artes Visuais; Alfabetização visual; Montagem de Exposição; Exposição artística. Ao considerar o histórico de atuação das Artes Visuais como instrumento de colonialidade, foram buscadas as histórias, técnicas, suportes e linguagens presentes nas comunidades das/os estudantes.

Este mapeamento foi realizado também com os Cadernos dos Tempos, um instrumento de pesquisa desenvolvido por professoras/es indígenas de Pernambuco, para reconstrução da memória, onde são considerados aspectos do ecossistema e político nas transformações espaciais. Conforme o Caderno:

Se trata de uma reelaboração do tempo linear e imposto com o processo de colonização, mas também do tempo cósmico que envolvem os rituais locais e outros espaços tempos educativos e pedagógicos (CCLF, 2006).

A partir da produção destes Cadernos dos Tempos, como aglutinador e forma de sistematização das pesquisas, foram demandadas as perguntas: 1) Quais são as histórias de origem de minha comunidade? 2) Quais são as atividades que ocorrem ao longo do ano em minha comunidade, a partir de um calendário anual de janeiro a dezembro? 3) Como eu sinto a minha comunidade considerando os cinco sentidos: visão, audição, tato e paladar?

Por meio dos Inventários Participativos (IPHAN, 2016), também foram realizadas entrevistas com pessoas consideradas sábias, reconhecidas por algum saber-fazer e a produção de registros audiovisuais. Para além de uma narrativa constituída apenas pelas textualidades, foi realizado um levantamento, seleção, digitalização e produção de imagens sobre as artes das comunidades, em acervos pessoais, coletivos, envolvendo fotos, vídeos, matérias de jornal, assim como a produção de desenhos, fotos e vídeos, movimentando e tornando visível as identidades, histórias e narrativas locais.

Ao considerar a construção de conhecimento que pode envolver a disciplina de Laboratório de Artes Visuais II, a partir do seu potencial em comunicar conhecimentos de diferentes formas e colaborar para os processos de visibilidades e reconhecimentos de diferenças culturais, ressaltamos o desenvolvimento de uma exposição a partir da integração entre produção de registros, edições e obras.

Consideramos os registros como formas de guardar informações, conhecimentos e documentar as realidades, a vida e um tempo histórico. Pode ser por meio de áudios, escrita, fotos, vídeos, desenhos, pintura, escultura, a configuração de memórias e costumes, a pegada de um animal no chão, as estrelas no céu, os desenhos das correntezas, entre outras possibilidades.

Já as edições são formas de compor, misturar e combinar diferentes registros para construir narrativas. E por fim, consideramos as obras como a edição de diferentes registros em diferentes formatos e obras artístico-pedagógicas. As obras

são formas de compartilhar o conhecimento, de promovê-lo e difundi-lo. As obras fazem a mediação dos conhecimentos com o público que pretende-se atingir, por meio de livros, filmes, performances, oficinas, roteiros pedagógicos, instalações e exposições.

Tratamos da Arte/Educação como mediação intercultural em processos pedagógicos, como este, junto com estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Tais abordagens, contempla a atuação no complexo de visualidades e reconstrução da memória coletiva das/os estudantes e suas comunidades de pertença. A Arte/educação é uma área do conhecimento construída historicamente a partir do desenvolvimento do ensino de Artes Visuais no Brasil e da organização social de arte/educadores/as na defesa do ensino de Artes. Foi denominada assim após a ditadura militar, com grandes influências de Ana Mae Barbosa e Paulo Freire.

É uma área interdisciplinar da interseção entre Arte e Educação influenciada por dois movimentos históricos importantes: a Virada Cultural (anos 1970), na qual surgem os estudos que reconhecem outras formas de arte, para além das hegemônicas e dos grandes cânones; e a Virada Educacional (2000), em que artistas passam a colaborar com a produção artística de outras pessoas, perpassando diferentes conhecimentos (científicos e de tradição oral) e refletindo sobre suas metodologias de pesquisa (Serradela, 2016).

O trabalho com Arte/Educação atravessou historicamente artistas, comunidades tradicionais, escolas, professores e educadores em museus e ONGs. Barbosa (2009) aborda a questão histórica da mediação cultural no Brasil, realizada em museus por departamentos de educação, através de estratégias de mediação entre arte e público. Gostaríamos de destacar, a partir do nosso recorte empírico - estudantes da LEdoC/UFNT e suas comunidades de pertença - a atuação da Arte/Educação nas pedagogias culturais dos povos e comunidades tradicionais

podendo ser realizada como mediação entre diferentes conhecimentos e o público.

As ações pedagógicas com os/as estudantes da Licenciatura em Educação do Campo e sua produção de conhecimento

No segundo semestre de 2022, a partir da disciplina Laboratório de Artes Visuais II, realizamos uma exposição tendo como base a pesquisa das/os estudantes da LEdoC/UFNT juntamente com suas comunidades, a partir dos seus Cadernos dos Tempos. Foi por meio destes Cadernos dos Tempos que realizamos uma curadoria compartilhada, selecionando alguns materiais que as/os estudantes trouxeram por meio de suas pesquisas, tais como: desenhos e fotos que foram ampliados em diferentes formatos, peças de crochê, objetos produzidos com diferentes tipos de madeiras, cocos e palhas, que foram exibidos por meio de instalações, assim como artistas de Tocantinópolis/TO e região, os quais, alguns estiveram presentes na abertura da exposição.

Os/as estudantes da LEdoC/UFNT são habitantes de áreas urbanas e rurais da região do Bico do Papagaio/TO e membros/as de comunidades camponesas e povos tradicionais. Destaca-se a presença de estudantes indígenas Apinajés e de comunidades quebradeiras de coco babaçu. Há também, estudantes trabalhadores da zona urbana, que exercem os trabalhos de motoristas, vigilantes, empregadas domésticas, cozinheiras e mães. Dentre as/os estudantes muitas/os são evangélicas/os.

Ao considerar o perfil das/os estudantes da LEdoC/UFNT, levamos em conta os princípios da interculturalidade crítica acumulados na América Latina, conforme trabalhado por Candau (2013). Consideramos a existência da discriminação racial presente nas sociedades latino-americanas e o combate às relações raciais baseadas na cordialidade, conforme aponta Candau (2013) com a 'democracia racial', a partir

do trabalho com as imagens e narrativas que ressignificam os processos de racialização de população negras, indígenas e quilombolas.

Outro princípio que consideramos dialoga com Candau (2013) acerca da intrínseca articulação entre os processos educativos e os conceitos socioculturais em que estes se situam, colocando, assim, os universos culturais dos atores implicados no centro das ações pedagógicas. E, por fim, consideramos o impacto da interculturalidade para as políticas públicas, ao fortalecer as contribuições multiétnicas, pluriculturais e multilíngues das sociedades, para que as políticas públicas ligadas à educação possam incorporar a perspectiva intercultural (CANDAU, 2013).

Há uma preocupação em caminhar de maneiras diferentes do caráter monocultural e ocidentalizante que dominou o continente latino-americano, conforme diz Candau (2013). Ao pontuar o caráter colonial das sociedades latino-americanas, em especial nas dinâmicas de colonialidade que repercutem em nossas percepções (e construção) de autoimagens e realidades, em diálogo com Quijano (2014), demandamos uma reconstrução epistêmica. Neste sentido, trabalhamos com as autoimagens das/os estudantes e suas comunidades no processo de produção de conhecimento.

A produção do conhecimento que ocorre por meio da Arte/Educação envolve, conforme Barbosa (2014), um processo de contextualização, produção e leituras de imagens e obras de artes, que possibilitam a construção de sentidos sobre as realidades (Barbosa, 2014). Ao longo do semestre de 2022, e para a exposição, foi realizada pela professora Aia Oro lara, uma pesquisa imagética no acervo da Comissão Pastoral da Terra (CPT), regional de Araguaína/TO, para a seleção de imagens de lideranças e situações históricas da região do Bico do Papagaio, para composição gráfica de murais que foram instalados de forma permanente nas proximidades dos Laboratórios de Música e Artes Visuais, na

unidade Babaçu da UFNT.

Dentre as imagens, fotos de mulheres sindicalistas e Padre Josimo, o qual foi assassinado em 1986, por sua atuação junto às comunidades camponesas da região. Também, se destaca nos murais, a presença de Dona Raimunda quebradeira de coco babaçu, liderança já falecida, doutora honoris causa pela UFT e a qual nomeamos o Laboratório de Artes Visuais. As imagens a seguir (Figuras 1 - 6) compartilham um pouco do que foram as trocas empreendidas durante as oficinas e exposição das produções realizadas pelo grupo de estudantes da LEdoC.



Figura 1: Estudantes indígenas Apinajés na abertura da exposição, na frente de algumas instalações. Atrás dos estudantes vemos uma imagem das mulheres sindicalistas. Foto: Aia Oro Iara, 2022.



Figura 2: Estudante Juliana, em frente à mesa com a exposição de diferentes objetos produzidos com madeiras, galhos, palhas e cocos. Também podemos visualizar uma instalação suspensa com diferentes peças de crochê. Foto: Aia Oro Iara, 2022.



Figura 3: Estudantes presentes na "Oficina de Brincadeiras de Roda e Círculos de escuta dos Cadernos dos Tempos", realizada durante a exposição. Foto: Aia Oro Iara, 2022.

A figura 3 mostra as intervenções escritas no chão da entrada dos Laboratórios de Música e Artes Visuais, da unidade Babaçu da UFNT. A palavra escrita com fita adesiva azul no chão é "memória", uma das palavras sínteses da escuta dos Cadernos dos Tempos. Também foram escritas no chão as palavras: amor, luta, espoliação.



Figura 4: Professora Aia Oro Iara ao lado de um dos murais com fotos históricas cedidas pela CPT/Regional de Araguaína/ TO onde vemos um grupo de mulheres na frente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, de São Sebastião do Tocantins/ TO. Foto: Nataniel Araújo, vice-reitor da UFNT, 2022.



Figura 5: Estudantes na abertura da exposição, escutam as falas institucionais, ao lado das fotos de Padre Josimo. Foto: Aia Oro Iara, 2022.

Ao considerar os saberes e as práticas de Arte/Educação desenvolvidas em processos de interações sociais, em diálogo com a noção de ‘pedagogias culturais’, os processos de ensino-aprendizagem ocorrem nas instituições educacionais, e também em outros espaços da vida cotidiana e culturais (TOURINHO; MARTINS, 2015, p. 35). Esta compreensão de pedagogia atravessa diferentes lugares, manifestações e formas de conhecimento que envolvem diferentes fluxos materiais em situações pedagógicas e artísticas.



Figura 6: Estudantes, familiares e docente na frente de um dos murais da exposição, o qual rememora o "Encontro de Mulheres do Bico", realizado em Sampaio/TO, 1988. Foto: Aia Oro Iara, 2022.

As pedagogias culturais nos convidam a participar das práticas de produções culturais compartilhadas no cotidiano, assim como nos articulam as práticas de agenciamentos simbólicos (TOURINHO; MARTINS, 2015). Desta forma a realização da exposição celebra a Arte/Educação dos povos e comunidades tradicionais do Bico do Papagaio, na cidade de Tocantinópolis, podendo colaborar com a ampliação de repertórios culturais baseados em seus conhecimentos. Segundo Andrade,

As pedagogias culturais, no entanto, não estão restritas às comunidades tradicionais, são desenvolvidas por meio de artefatos culturais produzidos, também pelas grandes mídias, as culturas populares, as grandes corporações as quais influenciam no que desejamos, pensamos, fazemos, ensinando visões de mundo, valores e comportamentos que são socialmente aceitos, ou não (Andrade, 2016, p. 109).

Ao atentarmos para as imagens e narrativas históricas colocadas em circulação e com as quais educamos a nossa capacidade de ver em relação a determinadas interpretações e construções de realidades, dialogamos com Mirzoeff (2016), o qual aborda os “complexos de visualidades” a partir das disputas entre visualidades e contravisualidades.

Ao considerar as visualidades como narrativas que educam a nossa a capacidade de ver os povos e comunidades tradicionais, a partir da naturalização da autoridade do poder e outras formas de violência que hierarquizam humanos e suas formas de conhecimento, a produção da exposição na disciplina de Laboratório de Artes Visuais II, permitiu práticas pedagógicas para desenvolvimento de leituras críticas sobre as práticas culturais.

Ao considerar que determinadas formas de percepção são orientadas por instruções que autorizam certas violências e opressões sociais, a Cultura Visual nos ensina que ver as formas de violência e opressão que são naturalizadas, assim como imaginar alternativas e outras possibilidades de organizar as realidades, se torna uma possibilidade de atuação nos “complexos de visualidades”.

As contravisualidades por sua vez, são as imagens dos povos e comunidades tradicionais que reivindicam reconhecimento social a partir de concepções próprias de suas formas de ser, saber, fazer e viver, as quais transcendem os padrões moderno colonial capitalista de civilização. A produção cultural da exposição foi uma forma de conhecimento e educação, que exerce influência sobre a formação de identidades antirracistas, antissexistas, anti-homofóbicas e antitransfóbicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos destacar ao longo do texto algumas ferramentas teóricas e conceituais que podem se configurar em práticas pedagógicas e que fundamentam nossas considerações sobre a experiência realizada no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFNT: o pensamento decolonial, a Comunicação enquanto experiência dialógica de construção de conhecimento, a interculturalidade crítica, os complexos de visualidades, a Arte/Educação como articuladora do conhecimento, da memória e dos saberes localizados à margem das grandes referências artísticas eurocentradas, os Cadernos dos Tempos, os Inventários Participativos, a Pedagogia da alternância, o Encontro de Saberes etc.

O marco fundador da Licenciatura em Educação do Campo na UFNT, nos mostra que há, localmente, uma organização coletiva que reivindica os seus direitos, já que o curso foi instituído a partir da luta camponesa (MST e MAB) com a finalidade de assegurar o acesso à educação formal. Portanto, trata-se de uma situação em que as pessoas, articuladas em torno dos movimentos populares, souberem como exigir das instituições os seus direitos.

Além disto, o curso conseguiu garantir à sua comunidade discente, uma estrutura educacional que contempla e respeita a dinâmica de trabalho familiar de seus estudantes, aonde a maioria pertence ao campo e, portanto, atua de acordo com um calendário de plantio e colheita. Dessa forma, o curso é regido pela Pedagogia da Alternância, integrando os conteúdos dos Tempos Universidade e Tempos Comunidade.

Inevitável não recordamos da crítica feita por Paulo Freire, em *Extensão ou Comunicação?*, a respeito da incapacidade institucional de escuta e diálogo para a construção coletiva de espaços de formação acessíveis e ligados com seus contextos de atuação. Fosse a estrutura acadêmica rígida e totalmente eurocêntrica,

certamente este curso de Licenciatura não teria a adesão do público ao qual se destina, porque não dialogaria com o contexto local.

O Encontro de Saberes, por sua vez, promoveu a integração dos saberes comunitários dos/as estudantes no ambiente acadêmico, permitindo um alargamento dessa estrutura oficial de ensino, com a realidade local, ressignificando o conhecimento e valorizando a erudição popular.

Os Cadernos dos Tempos apareceram como estratégias de transgressão da ementa das Artes Visuais, propondo a elaboração do conhecimento a partir reconstrução da memória local tendo como voz de enunciação os/as próprios/as participantes. O reconhecimento das mestras e mestres das comunidades de pertença do grupo de discentes foi levantando a partir dos Inventários Participativos que produziram, em diferentes linguagens, o registro das histórias que movimentam e tornam visíveis as narrativas locais e suas identidades.

Há uma experiência de reconstrução epistêmica que se dá por meio da valorização das histórias locais que emergem com o uso dessas ferramentas decoloniais utilizadas durante o processo de construção do conhecimento na ação pedagógica promovida pela disciplina Laboratório de Artes Visuais II.

Entendemos que a produção de conhecimento que se deu dentro desta disciplina esteve fundamentada a partir da ideia central, colocada por Freire (1980), de que “Educação sem Comunicação não transforma”. Isto quer dizer que, pedagogicamente, construiu-se entre o grupo de estudantes e professora, um verdadeiro ambiente de coparticipação e coprodução do conhecimento onde os saberes de todas as pessoas foram caminho para a produção das narrativas, visualidades, objetos e textualidades apresentadas na exposição e que representaram suas comunidades de pertença. Uma Comunicação que se fez criticamente, na relação do diálogo, da escuta, do reconhecimento e da elaboração. É neste sentido que entendemos a Comunicação em sua perspectiva decolonial

como condição para a construção de sociedades mais justas e democráticas, onde os direitos básicos são respeitados e garantidos a partir das realidades das pessoas.

A professora, que esteve durante todo o momento como responsável pela disciplina, atuou a partir de um reconhecimento do saber prévio de seus estudantes, valorizando-os e com eles/elas aprendendo junto. Desse modo, elaborou coletivamente metodologias para a produção de um conhecimento local que pudesse subverter o campo de ensino eurocentrado e excludente. A produção dos Cadernos dos Tempos é um excelente exemplo para entendermos de que modo as comunidades também contribuem na construção de novas epistemologias na Comunicação, na Cultura Visual e na Arte/Educação.

Portanto, podemos considerar que o processo de produção cultural da exposição promoveu a elaboração da memória coletiva e crítica dos/as estudantes junto com suas comunidades, possibilitando maior capacitação frente a gerência de suas identidades e narrativas históricas para a conquista de direitos. Assim como, consideramos que apresentou outros caminhos para academia científica e sociedade civil para a revisão de referências culturais, teóricas, metodológicas, epistemológicas, a partir dos conhecimentos tradicionais e de tradição oral, gerenciados pelos povos e comunidades tradicionais.

A exemplo da integração entre registro, edição e obras, e para finalizarmos, as considerações sobre as experiências até aqui descritas, compartilhamos a memória das estudantes do povoado de Folha Grossa - uma comunidade de quebradeiras de coco à 4 km de Tocantinópolis. Nesta paródia, as estudantes performam as memórias da comunidade a partir das experiências com o seu território, abrindo a exposição dos saberes e conhecimentos produzidos coletivamente:

*Eu nasci de um povo sofrido que mora no campo.
Que estuda, trabalha e da roça tira seu sustento.
Eu carrego comigo um cofo cheio de coco.
Pra quebrar, tirar o azeite e vender na feira.
Sou das hortas de coentro, de alface e de couve.
Sou filho da folha, das estradas reais.
Bebo água de poço, que brota desse chão.
Sou do seio do Folha...
Povoado que eu amo.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, P. D. de. **Pedagogias Culturais**: uma cartografia das reinvenções do conceito. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/143723>. Acesso em: 21 jan. 2022.

BARBOSA, A. M B. Mediação cultural e social. In: **Arte/educação como mediação cultural e social**. BARBOSA, A. M B; COUTINHO, R. G. (org.). São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 13-22.

BERGER, Christa. A Pesquisa em comunicação na América Latina. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, Vera V. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

CANDAU, Vera Maria (Org). **Rumo uma Nova Didática**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CARVALHO, J.J. e Águas, C. Encontro de Saberes: um desafio teórico político e epistemológico. in: **Colóquio Internacional Epistemologias do Sul**: aprendizagens globais Sul-Sul- Sul- Norte e Norte-Sul. Boaventura de Sousa Santos e Teresa Cunha (Ed.). Volume 1 Democratizar a democracia. June, 2015.

CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE (CCLF), 2006. **Caderno do Tempo**. Olinda – PE.

DIAS, Bruno Santos Nascimento. América Latina por uma epistemologia decolonial

da comunicação. **Cadernos Prolam/USP- Brazilian Journal of Latin American Studies**, v. 19, n. 38, p. 46-74, jul./dez. 2020.

DUSSEL, Enrique. “Europa, modernidad y eurocentrismo”. In:
LANDER, Edgardo (coord.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2000.

FREIRE, Paulo. **Comunicação ou extensão?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

HADDAD, S. **O educador: um perfil de Paulo Freire**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil).
Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. Brasília – DF, 2016. 134p.

JOAQUIM, Bruno dos Santos; OLIVEIRA, Lucila Maria de. Paulo Freire na genealogia da Pedagogia Decolonial: uma leitura de Extensão ou Comunicação? **Revista Inter-Ação**. V.46, n. ed. especial. Set. 2021.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Educação da cultura visual: aprender... pesquisar... ensinar..** Porto Alegre: Editora UFSM, 2015.

MIGNOLO, Walter. Introducción. In: CHUKWUDI, Eze; HENRY, Paget; CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MIGNOLO, Walter. **El color de la razón: racismo epistemológico y razón imperial**. 2. ed. Buenos Aires: Del Signo, 2014. p. 9-18.

_____. Introdução. In: CHUKWUDI, Eze; HENRY, Paget; CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MIGNOLO, Walter. **El color de la razón: racismo epistemológico y razón imperial**. Ed. Buenos Aires: Del Signo, 2014. p. 9-18.

_____. Desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade decolonial. Trad. Isabella B. Veiga. **Revista x**, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021.

MIÈGE, Bernard. O pensamento comunicacional na contemporaneidade. **Revista Libero**. São Paulo – v. 12, n. 23, jun. de 2009.

MIRZOEFF, N. **O direito a olhar**. *ETD - Educação Temática Digital*, 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidade. **Revista Perú Indígena**. Lima: Instituto Indigenista Peruano. Vol. 13, n. 29, 1992.

_____. “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”. In: Edgardo Lander (comp.) **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas, Buenos Aires: CLACSO, 2000.

_____. Colonialidad del poder y clasificacion social. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, 2000. p. 342-386.

SA, A. A. S.; SERRADELA, L. I.; LEO NETO, N. A. (Orgs.). **Tiririca dos Crioulos: um quilombo-indígena**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2016.

VILANUEVVA. La Comunicación Decolonial, perspectiva in/surgente. **Revista**

<https://doi.org/10.23925/2318-5023.2022.n6.e60819>



Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación. V. 15 N. 28 (2018).

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria. **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: Editora 7letras, 2009,